

***ENSAIO SOBRE OS RUÍDOS BALBUCIADOS<sup>1</sup> NA RIGIDEZ DA SOMBRA:  
A ALA DAS TRAVESTIS DO PRESÍDIO CENTRAL DE PORTO ALEGRE***

**Renata Guadagnin  
Mestranda – PUCRS**

Resumo: Este ensaio busca, através da narrativa com fulcro teórico em Walter Benjamin, trazer histórias experienciadas nos movimentos de uma pesquisa ainda em andamento. Atendendo especialmente para o encontro realizado com a Ala das Travestis do Presídio Central de Porto Alegre no dia dez de setembro de 2013, como forma de não emudecer aos ruídos que de lá ecoam.<sup>2</sup>

Palavras-chave: Prisão. Narrativa. Dizer. Travestis.

Resumen: Este ensayo pretende, a través de la narrativa, con punto de apoyo teórico Walter Benjamin, trae historias experienciadas por movimientos de un estudio aún en curso. Con especial referencia a la reunión mantenida con el Ala de Travestis – Presidio Central de Porto Alegre, em diez de septiembre de 2013, a fin de no silenciar los sonidos que resuenan allí.

Palabras clave: Cárcel. Narrativa. Decir. Travestis.

## **A ESCOLHA**

*O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.*<sup>3</sup>

*Walter Benjamin*

Acompanha-nos na sombra, à sombra, o peso da realidade que corrói no susto do tempo doente.<sup>4</sup> A dor instalada no íntimo, em sua temporalidade, vai se ‘naturalizando’ – ainda que não seja natural. Mesmo “numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano”,<sup>5</sup> habita ali, no *subterrâneo* visitado, o cárcere, talvez mais um

---

<sup>1</sup> “Vivemos em uma época onde as *vozes de ontem agonizam* e as *vozes de amanhã balbuciam*” - Emmanuel Levinas.

<sup>2</sup> A pesquisa de dissertação de mestrado, em andamento desde o primeiro semestre de 2013, foi estimulada pela possibilidade de encontrar Arte, além do balbuciar de ruídos, na prisão. Debruça-se sobre o trabalho desenvolvido pela ONG Igualdade-RS com a Ala das Travestis do Presídio Central de Porto Alegre e o programa Multiplicadores da Cidadania (MCS) Para Paz realizado pela Coordenadoria da Juventude da SUSEPE-RS na Penitenciária Estadual do Jacuí e na Penitenciária Estadual de Arroio dos Ratos. Ademais, cumpre ressaltar que o Projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Serviços Penitenciários - ESP bem como pelos responsáveis da ONG Igualdade-RS, Coordenadoria da Juventude e Diretores das Casas Prisionais. Sendo enviada ao Comitê de Ética da PUCRS no mês de setembro.

<sup>3</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 198.

<sup>4</sup> Neste sentido, SOUZA, Ricardo Timm de. **Metamorfose e extinção – sobre Kafka e a patologia do tempo.** Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 223.

“*patético fragmento* de solidão”<sup>6</sup> e, quem sabe, sua maior expressão de fragilidade e, ao mesmo tempo, potencialização da realidade crua, potencialização da vida nua: “não há voz para a extinção da voz”.<sup>7</sup> Estar em contato com o lugar-não-lugar desenhado no interior da rigidez da sombra do sistema carcerário brasileiro, é estar sendo *assombrado*, em uma diversidade de sentidos, e *visitado* pelo o que há de mais real do dizer antes do dito que começa a ser (in)escrito a partir do olhar o Outro. Atentando, em especial, para a linguagem de um sussurrar de ruídos que no cárcere está em erupção e, então a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem pelos inúmeros narradores anônimos”.<sup>8</sup>

Neste ensaio<sup>9</sup> procura-se desenhar um espectro de certa forma doloroso porque consiste em um (novo) movimento incomum, em especial por toda a condição de estruturação (fragmentada e cientificista) do pensamento a que se conduziu até então. Por outro lado, é um exercício de narrativa impulsionado/inspirado pelo texto “*O narrador*” de Walter Benjamin, para que se faça “o *justo* se encontrar consigo mesmo”.<sup>10</sup> É, não somente a lucidez de uma pesquisa em andamento, como também a compreensão do sentido de *responsabilidade* que se pretende em um estudo ético acerca da realidade e do Outro. Movimento de *sinceridade* em relação às “nuances do trauma que o verdadeiro encontro com o Outro significa para o narrador, ou seja, a *irrupção do novo no mundo de sentido deste narrador*”.<sup>11</sup> A responsabilidade sem defesa, sobre a palavra ouvida, sobre sentidos possíveis do olhar e do narrar histórias (sobre)vividas à sombra de um existir sendo tecido não em uma equação imparcial e indiferenciada com o *dizer* da realidade, mas de sinceridade descoberta:

A palavra “sinceridade” recebe aqui todo seu sentido: descobrir-se *sem defesa alguma*, estar entregue. (...) *Sofrer pelo outro é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele.* (...) Desde a sensibilidade, o sujeito é para o outro: substituição, responsabilidade, expiação. (...) A sinceridade põe a descoberto a própria sinceridade. *Há dizer.*<sup>12</sup> [grifei]

Ora, seria emudecer outra vez mais à realidade por si, ao tentar aplicar antes uma teoria criminológica base sem primeiro narrar as histórias que me chegam como ímpar contato

---

<sup>6</sup> Cf. SOUZA, Ricardo Timm de. **Metamorfose e extinção – sobre Kafka e a patologia do tempo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000, p. 25: “Trata-se, apenas de um *patético fragmento* de solidão. O que há de humano em Odradek?”.

<sup>7</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Severino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 44.

<sup>8</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 198.

<sup>9</sup> Neste sentido, ADORNO, W. Theodoro. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. Editora 34, Coleção Espírito Crítico: São Paulo, 2003, pg. 15 – 47.

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 198.

<sup>11</sup> LAITANO, Grégori Elias. **Por uma criminologia do encontro: um ensaio**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012, p. 63.

<sup>12</sup> LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 4ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 101.

com o real nessas primeiras tecituras da pesquisa. Encontra-se esteio privilegiado para o desenrolar das histórias em seu ato cristalizador: *a narrativa*. É buscar com este ensaio um exercício de comprometimento com o que fora vivenciado, observado, experienciado e, especialmente, escutado das vozes que ecoam do Presídio Central de Porto Alegre (PCPA). O recorte aqui se refere ao contato com as travestis da galeria da terceira do H,<sup>13</sup> possível por intermédio da ONG Igualdade-RS<sup>14</sup> que realiza projeto junto a Ala das Travestis,<sup>15</sup> permitindo de forma mais livre o acompanhamento dos encontros,<sup>16</sup> sobre os quais pretendo compartilhar aqui as vozes que escutei especialmente no dia *dez de setembro* deste ano.

Por detrás das paredes do Central constroem-se histórias à sombra do que se pensa fora dos muros: “assim o inesquecível aflora de repente em seus *gestos e olhares*, conferido a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um *pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor*”.<sup>17</sup> O ambiente prisional parece ser o local onde tudo do real se movimenta, mas de forma nua, intensamente crua. Ou, tão cheia de cicatrizes e feridas que os atritos são potencializados e (quase) sem pudores. Os *restos de história* se caracterizam pela inscrição de uma verdade *outra* sobre a realidade do sistema carcerário.

Não parece haver nada de natural na linguagem que chega pelos ventos desta pesquisa e que têm trazido ao pé do ouvido, ou mesmo o arrepio à pele, do novo que surgiu com a experiência, em sua pluralidade, de interpretação onde “a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado”.<sup>18</sup> No gesto presenciado da linguagem de um “pobre-diabo” lá inscrito e que sua voz (deveria) estremece(r) “os vivos em seu redor”. Assim, como “metade da arte narrativa está em evitar explicações”,<sup>19</sup> as histórias começam a ser ditas no porvir do movimento desta pesquisa.

---

<sup>13</sup> A Ala onde permanecem as travestis e seus companheiros é conhecida como “terceira do H” por estar situada no terceiro andar da galeria H do Presídio Central de Porto Alegre.

<sup>14</sup> A ONG Igualdade-RS atua nas demandas de gênero relacionadas as travestis e transexuais, buscando dar amplo amparo para a inserção social as temáticas que as envolvem, como por exemplo, a conquista da mudança de nome e de sexo. Ainda, além do projeto realizado dentro do PCPA, onde prestam assistência social e jurídica, auxiliam os egressos do sistema prisional.

<sup>15</sup> A criação da Ala específica para travestis, transexuais, gays e companheiros foi uma solução encontrada pela ONG junto ao presídio para diminuir as violências direcionadas a estes internos em específico e está em funcionamento desde março de 2011.

<sup>16</sup> Cumpre informar que acompanho os encontros desde maio de 2013 com autorização e apoio da ONG Igualdade-RS e da administração do Presídio Central.

<sup>17</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 207 – 208.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 210.

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 203.

## A NARRATIVA

*Não é o monstruoso que choca, mas sua naturalidade.*  
Theodoro Adorno.

Contudo, mesmo reconhecendo a necessidade das categorias que fazem tabula rasa das diferenças para descrever a realidade, devemos também aceitar, com humildade, que muita coisa fica de fora, nessa operação de conhecimento. O que se *mutila*, às vezes é *o essencial* e faz toda a *diferença*.<sup>20</sup> [grifei].

As vias de aproximação, o caminho – de vida – percorrido para que o *véu* entre os meus olhos e as paredes do presídio caísse, não foram fáceis. Sempre esteve presente como incógnita ou *signo* de outras significâncias, tão próximos<sup>21</sup> e tão distantes, um real inenarrável. O experienciar dos buracos abertos nas paredes e os cheiros que, ao passar pelo Central podem ser sentidos do lado de fora, demonstram o estado do espaço com o qual me deparei. Do lado de cá dos muros, um cotidiano que *vive a liberdade*. Há uma não compreensão da extensão dos danos aquele lugar causa. Um não olhar de fora para dentro da extensão social da realidade que habita aquele lugar. É a inscrição do que já está inscrito na história do homem e sua forma de punição e tortura. Mais que isso, nossa forma de lidar com o *diferente*, e uma não percepção de que é a extensão mais sincera da realidade, é a própria produção da realidade.

Enquanto a cidade promovia seus primeiros ruídos e barulhos insuportáveis, insustentáveis do amanhecer, o *silêncio* habitava o íntimo de cada detento. Abriam-se as grades e os cadeados faziam ranger o ferro velho. Amanhecia mais uma cidade no interior do Central.

Localizado na zona leste de Porto Alegre, a casa prisional, exclusivamente masculina, foi inaugurada no ano de 1956. Estruturada com seis pavilhões com capacidade para seiscentos e sessenta e seis presos. A lotação foi ampliada para dez pavilhões a abrigar cerca de dois mil presos. O objetivo inicial da casa era o de receber apenas presos provisórios (presos em flagrante, com prisão temporária ou preventiva decretada). O espaço é habitado por uma superlotação que circula na margem dos quatro a cinco mil presos com uma rotatividade intensa. Poderia mesmo ser uma cidade cercada, onde sobrevivem os internos que

---

<sup>20</sup> ATHAYDE, Celso; MV Bill; SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, 129.

<sup>21</sup> O primeiro olhar lançado sobre a existência do Presídio Central de Porto Alegre foi por volta dos seis, sete anos quando passei a morar nas proximidades do prédio. A cada ciclo de vida a pergunta sobre o sentido daquele lugar sempre pairou, nem sempre de forma consciente. Não era e não é natural, foi naturalizado: mesmo não olhar é uma escolha que tem por trás a ética. Agora se desfaz o sentido que nunca esteve ali. Ainda que eu me esquivasse, já estava inscrito em mim a necessidade de romper o *véu* – mesmo ao longo da Faculdade de Direito, mais próxima da justiça de Themis mais distante da verdade dos restos nos escombros da realidade – e me aproximar do Outro, **me inserindo**, enfim, neste outro que também sou eu.

aguardam *o tempo* – “na esperança”<sup>22</sup> – da sua *liberdade*, agentes penitenciários, brigada militar, familiares, visitantes e os diversos animais e insetos que passeiam por entre o esgoto que escorre pelas paredes do prédio até desembocar no chão e o lixo a céu aberto no pátio onde as crianças visitam os pais.

O último encontro da ONG Igualdade-RS com os participantes da Ala das Travestis que acompanhei foi realizado no *dia dez de setembro*, no período da manhã. Despertar para esta realidade vai acontecendo aos poucos. Os padrões sociais de gênero definem muito bem o feminino e o masculino e os fenótipos *incorporados* ao corpo. Estar preso em um ambiente exclusivamente masculino onde a violência é acentuada e ainda assim buscar sua constituição como sujeito e sua relação com o corpo é o desafio que marca o rosto de cada uma das travestis, gays e companheiros. É um grupo bem específico e singular que encontra semelhança aos pares para sua proteção, como um re(ex)sistir ao estigma do estigma. Buscam transcender os padrões de gênero, mesmo na espera por sua liberdade para o encontro com sua libertação por si, de uma ideia transvestida de sombras secular sobre as questões de sexualidade e gênero, formando suas identidades mesmo aonde o preconceito, neste sentido, não chega, *grita* indecorosamente.

#### *Dos procedimentos até a Capela*

Primeiro passamos pela portaria, onde nos identificamos. A guarda na recepção pede que os pertences sejam deixados nos armários. Podendo entrar apenas caderno e caneta, além do material que é levado pelas representantes da ONG. Depois passamos pelo detector de metais e então cruzamos o pátio externo – onde há uma pequena ilha com uma imagem de Nossa Senhora e um laguinho de pedra com algumas tartarugas, uma roda de água, e algumas flores – até chegar ao próximo portão que dá entrada no prédio administrativo do Central. Depois nos deparamos com um corredor onde há mais uma grade. Fecha um, abre o outro. Mais um corredor. Do lado esquerdo circulam alguns presos para acessar outro prédio do central: uma grade divide o corredor, do lado esquerdo alguns homens virados para a parede com a cabeça baixa e os braços cruzados, se não, “o cassetete desce no lombo!” disse um dos tenentes. Do lado direito ficam os guardas abrindo e fechando algumas grades, ainda do lado direito tem o acesso, primeiro para a Galeria E-1 e E-2, depois para as salas de aula que são seis e cabem aproximadamente dez pessoas, o espaço de confecção de artesanato e arte para

---

<sup>22</sup> Expressão utilizada por uma das travestis no último encontro que acompanhei junto com a ONG Igualdade-RS. Ela se referiu ao fato de estar esperando ser chamada para entrevista com as psicólogas e assistentes sociais para que sua liberdade seja concedida em definitivo: “*tô aí na esperança*”.

onde vão apenas cinco presos por vez, passando essa entrada, há a entrada para a enfermaria e depois para a capela. É na capela que os encontros são realizados. Até o final de 2012 era na própria galeria do pavilhão H, mas após uma confraternização de final de ano, a Direção da casa proibiu a realização das atividades lá, transferindo para a Capela, onde ocorre boa parte dos projetos implementados por diversos grupos. Então direcionávamos para a Capela – ora, é um estado laico – e lá já estavam cerca de quinze ou dezessete presos. E os olhos-além gritam mudos medos fantasmagóricos do concreto cinza... A vida apagada, borrada em sua significação, abstratamente nua. Da fresta entre os muros cercados pelas grades poderiam, quem sabe, perceber no ar a sutileza da solidão humana. Mesmo cercado pelos ratos, pelos gatos, e por todos os outros, a rigidez de sua solidão parecia tomar espaço. Talvez se fosse apenas aquilo poderia suportar. A minha percepção dos ângulos mudos foi se alterando, metamorfoseando a cada experiência. Mesmo ali onde o corpo encontrava barreiras.

É sempre por volta das nove horas da manhã os detentos são escoltados das celas da galeria para à capela, onde aguardam o nosso grupo.<sup>23</sup> Cruzamos os portões e os cadeados por volta das nove horas e quinze minutos. Na capela já nos aguardavam dispersos. Organizamos uma roda com as cadeiras, entre o altar e os bancos compridos – semelhantes àquelas que as igrejas possuem – de forma que todos pudessem olhar para todos. Além de dispersos o clima estava mais tenso do que nos outros encontros que eu presenciarei até então. Apesar da espessura tensa, havia uma palidez no ar. Talvez estivessem apáticos. Os assuntos foram se cruzando antes mesmo das atividades iniciarem.

### *Vozes do dia dez de setembro*

A palidez representava alguma desesperança transbordando o íntimo. Já a tensão se dava em função das modificações de funcionamento e administração do presídio. Naquela manhã, as travestis e demais presos que participaram relatavam incessantemente o que ocorrera no dia cinco de setembro. A quinta-feira anterior ao encontro era dia de revista em todas as galerias. No dia anterior a direção da Casa recebera a ordem judicial para manter fechadas as grades que dão acesso da terceira do H para a primeira e segunda do H. A partir daquele momento a travesti Fabiana<sup>24</sup> é quem assumia como plantão<sup>25</sup> da galeria.

---

<sup>23</sup> Grupo composto pela coordenadora da ONG, Marcelly Malta, pela Clô, duas psicólogas do IPA – a instituição possui convênio de estágio e parceria para desenvolver trabalho juntamente com a ONG; um assistente social - que além de prestar auxílio social, realiza pesquisa de Mestrado junto ao projeto; por mim na qualidade de pesquisadora.

<sup>24</sup> Os nomes aqui utilizados serão fictícios para preservar a identidade dos protagonistas.

Como representante Fabiana relata que naquela quinta-feira elas foram para o pátio, no seu horário de sol, escoltadas, porque o dia e horário de pátio para quem é da terceira do H não pode coincidir com o horário dos demais presos. Ao retornarem para a galeria, após o “limpa”,<sup>26</sup> encontraram tudo revirado e quebrando, coisa que antes, quando os acessos eram abertos não cocorria. Aparece aí o primeiro espectro de uma violência de gênero de quem deveria proporcionar a segurança.

Aos poucos, a cada palavra dita por eles, tornava-se claro o que havia acontecido. Um dos novos presos da terceira do H, na semana anterior da determinação, havia sofrido violência sexual de outros dois presos que, até então, conviviam com a terceira do H. A denuncia foi feita e os dois foram removidos de cela.

Interessante era a expressão do rosto daquele menino, vestia uma camiseta vermelha, com o olhar baixo, como se não pudesse encontrar referência. Durante o encontro ele foi atendido por uma das psicólogas que faz trabalho junto à ONG. O dano e a vergonha pareciam ser imensuráveis ao ponto do próprio abusado esconder de si entre os escombros do Central a violência que sofrera. Parecia fazer sentido o fechamento dos acessos das outras galerias do pavilhão H para que os demais presos não tivessem acesso a terceira do H. No entanto, o sentido se desfaz quando se sabe que não era apenas um acesso fechado. Há perdas.

Não teriam mais como refrigerar alimentos porque a geladeira ficava na outra galeria. O acesso à cantina teria que ser pedido para outro plantão, e se há todo um reboiço na convivência com os demais presos, tudo se tornara mais difícil. Aí vieram os pedidos de que a ONG providenciasse uma geladeira e uma televisão para a terceira do H. Ora, a doação da geladeira já havia sido feita desde junho, no entanto, a direção da casa não permitira sua entrada. A televisão é justificada pela inércia, pelo ócio. Agora, mais do que nos outros encontros, pediam materiais para a confecção de artesanatos, maquiagens e roupas. Talvez uma tentativa de romper com a palidez instaurada no tédio nostálgico circulante por aqueles dias.

Aqueles dois que cometeram o ato de violência contra um dos moradores da galeria andavam sempre juntos, comentou uma das travestis, mas eram muito estranhos. Elas dizem que a relação entre as travestis, os gays e seus companheiros é sempre alvo de muita zombaria dos outros presos. Quando uma travesti e um homem se interessam um pelo outro, eles têm que oficializar o relacionamento indo para o corredor de um dos pátios do PCPA e se beijar na frente de todos os outros presos que podem ver dos outros corredores, janelas ou celas. O ato

---

<sup>25</sup> Plantão é a designação do preso que coordena os demais reclusos de uma galeria e os representa perante a administração do presídio.

<sup>26</sup> Expressão utilizada para a revista realizada pela brigada militar uma vez por semana no presídio.

comentou um dos detentos, é sempre visto como se fosse um circo. Uma outra visão é trazida por uma das travestis. Para ela, inclusive entre eles há o preconceito. Se uma travesti é casa com um homem e o chama de *bicha*, não pode. Não pode nem mesmo conversar com o marido de outra travesti, “eu me senti presa em duas cadeias”. Os direitos das travestis são bem limitados. Mas não há consenso. Algumas ressaltam que isso também é uma forma de se protegerem dentro da cadeia.

A dissonância nos dizeres das travestis e demais moradores da terceira do H, parece registrar marcas da violência. Uma delas entrou no Central em 2009, ainda não existia a Ala das Travestis. Com lágrimas nos olhos de um olhar de confissão, comentou que fora vendida na galeria para onde a mandaram como se fosse uma mercadoria, nem mesmo o valor pelo qual foi vendida ela ficou sabendo. Antes da criação da Ala os cortes de cabelo, por exemplo, eram feitos com facões – se há vaidade feminina naqueles corredores, certamente ela é representada por essa ‘parcela da massa carcerária’ –, além das agressões físicas constantes. Hoje, relata Bianca,<sup>27</sup> até acontecem alguns tapinhas, puxões de orelhas entre um corredor e outro, mas a violência não é mais a mesma de antes, ainda assim aconteceu o episódio com o menino novato, se não houvesse a Ala, já teríamos todas morrido ou sido violentadas. A morte teria chegado de forma imediata. Agora, pelo menos, a desesperança é outra.

O tempo que passa na cadeia é um tempo lento. A maioria não recebe visitas. Apenas quatro, do grupo todo, estavam recebendo visitas. Então para conseguir as coisas, comentou alguém, “a gente tem que pedir para os outros e se não é pedindo, é trabalhando, por isso, se vocês conseguirem trazer pelo menos a geladeira, uma concha de servir comida, estamos mesmo precisando agora que os acessos foram fechados, ficou mais complicado”. Notei que, se de um lado a convivência com os outros presos do pavilhão H é complicada, a sobrevivência básica – como comida e material de higiene – fica ainda mais insustentável. Parece que uma violência poderia ser aceita para que essa sobrevivência pudesse existir.

Os espasmos de vida ali se cruzam. Foram tantos assuntos trazidos. Um dos presos é um paulista, formado em Administração e atuante na área do teatro e design. Está ali há três meses acusado pela família de seu ex-companheiro – residente em Novo Hamburgo – de tê-lo assassinado: “é impossível eu ter matado ele se eu já havia ido embora pra São Paulo três semanas antes dele ser morto, mas tudo bem, estou aqui aguardando pra ver no que vai dar. Meu irmão contratou um advogado”. A vida passa devagar, três semanas ou três meses. Logo que chegou no PCPA solicitou ao plantão que enviasse seu nome para enfermaria – lá tudo

---

<sup>27</sup> Os nomes aqui utilizados serão fictícios para preservar a identidade dos protagonistas.

passa pelo plantão da galeria, é a comunicação fazendo gesto –, sentia um leve resfriado e gostaria de tratá-lo. “Inútil dormir que a dor não passa (...) vou para a rua bebo a tempestade”,<sup>28</sup> enquanto espera ser chamado na enfermaria (descrita como um cenário de tendas montadas para atender os enfermos feridos na guerra, cadeiras de roda improvisadas: cadeira de plástico com rodas acopladas, por uma das travestis que o interrompeu), lembra-se que para a rua não pode ir, mas a dor não o deixa dormir. Há semanas ele achava que era apenas uma gripe, hoje parece que vai morrer. O corpo dói. Para aquele que sofre, está inscrita a ferida, dói o *eu* inteiro, torna-se o sofrimento em si.

Era quase onze e meia quando um dos tenentes bateu o cadeado que abre a capela na grade do portão: “está na hora, hoje vocês saem antes que eles”.

### *No final da manhã*

Da capela nos dirigimos ao setor de administração do presídio para levar as diversas demandas que surgiram naquele encontro. Também para ver a possibilidade de mudança do dia dos encontros já que os dias de visita foram remanejados colidindo com o horário até então estipulado. Então conseguimos transferir de terças para quartas-feiras. Conversamos ainda com o Tenente sobre os acessos da galeria terceira do H terem sido fechados impossibilitando o trânsito das travestis, companheiros, e demais moradores aos outros acessos do pavilhão H. O tenente foi questionado sobre o episódio da revista e o fechamento dos acessos: “ah! Foi para a própria segurança das bichas”. Quis afirmar que aquela Ala é como se fosse o “*seguro-do-seguro*”, o local feito para elas e que ninguém vai poder exercer o preconceito lá, porque quando algum preso novo chega ele é questionado sobre seus crimes e sua condição de gênero para que possa ser mandado para a galeria certa. Se um *duque*,<sup>29</sup> por exemplo, não diz qual o crime e é colocado em outra galeria que não para este tipo de crime, certamente ele vai ser morto lá dentro. Se é um homossexual, travesti ou transexual não informa sua condição e *cai* numa outra galeria qualquer, apenas pelo tipo de crime, será morto ou negociado/vendido como se fosse mercadoria. Por isso é como se, em um presídio masculino, as travestis e os demais presos que lá convivem, para que possam *morar* com segurança, acabam na margem da própria margem. É o resto do resto das histórias onde uma verdadeira realidade se inscreve em uma pedra lapidada pela violência além-prisão.

---

<sup>28</sup> Música “Bom Conselho”, Chico Buarque de Holanda, recordada pelo preito de quem estamos a falar.

<sup>29</sup> Na cadeia a referência a duque está sempre correlata àqueles que comentem crime de violência sexual, seja contra mulher ou criança.

(IM)POSSIBILIDADE DE FINITUDE/CONCLUIR: “NÃO EXISTEM, NAS VOZES QUE ESCUTAMOS, ECOS DAS VOZES QUE EMUDECERAM?”<sup>30</sup>

*Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.*<sup>31</sup>

*- Ele não conhece a própria sentença?  
- Seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne.*<sup>32</sup>

Aguardando o próximo encontro, o sentido desfaz; Se refaz em meio ao cimento cinza, o tempo parece ter preguiça de passar, não passa. Às vezes a umidade das paredes penetra nos corpos, o cheiro de mofo molhado sem dó. Às vezes, no calor, a umidade abafa sem deixar respirar o cheiro de lixo. Tudo é tão cinza que parece encoberto por poeira de dor colorida, de uma experiência-cicatriz, esperando passar pelos os olhos da vida. Na última visita escutei alguém dizer que um dos locais onde a homofobia encontra sua solidez de forma mais dura é na cadeia. Talvez agora, mais do que antes, entendo os sentidos do dito. A cada novo encontro as histórias ultrapassaram a lente de observação pretendida, como novo espectro de realidade indescritível.

Nas sombras das paredes do Central, em um formato-choque, me deparei com estes “*sans identité*”,<sup>33</sup> pelo menos para quem está do lado de cá do entremuros. O humano-quase-sombra. Na verdade, a sincera realidade. O existir de um tempo outro, em busca de um lugar onde o próprio local posto em distanciamento social, insistem em um não-lugar. É neste ponto que parece estar o lugar definido pela racionalidade da razão que deixa de alimentar: “A razão pouco tem a dizer a quem, pelas *condições históricas* nas quais foi gestado e nas quais vive, está *a morrer de fome*”.<sup>34</sup> Há um *dizer* dentro da *contradição* do dito sobre a espessura do real, uma realidade própria. O que encontrei e experienciei no Central, aquele lugar tão definhado em si mesmo, é “*o que resta de humano* – em qualquer outra coisa, arquitetada pela hegemonia da *razão ardilosa*”.<sup>35</sup>

Estes restos de história possuem habilidades de manter o novo: todo este balbuciar de ruídos que ultrapassam a solidez, a rigidez em um sentido outro, que fora configurado o

<sup>30</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 223.

<sup>31</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 207 – 208.

<sup>32</sup> KAFKA, Franz. **O Veredito / Na Colônia Penal.** Tradução de Modesto Corone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 36.

<sup>33</sup> LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem.** 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 89-109.

<sup>34</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal: Por uma crítica da violência biopolítica.** Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 28.

<sup>35</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal: Por uma crítica da violência biopolítica.** Porto alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 09.

sistema carcerário em seu formato de depósito e violência. Todo esse novo, distante e inacessível é a condição de sua existência, que sobrevive por suas próprias mãos, comendo com competência a complexidade do humano em sua multiplicidade.<sup>36</sup>

“A pedra é o estrato mais ínfimo da criatura. Mas para o narrador ela está imediatamente ligada ao estrato mais alto”.<sup>37</sup> Trazer à tona estes Outros *embrutecidos* pelo olhar social, é o sentido de manter vivo o lapidar da experiência sutil que se inscreve para além das possibilidades dos sentidos. Do contrário, estaria diante da impossibilidade de um “despojar-se do definitivo” em um movimento de libertação que conduza a verdade do dizer em sua sinceridade ética: “a esperança improvável de escapar ao inescapável”.<sup>38</sup> O narrar sem muitas explicações permite este comunicar sussurrado vindo do cárcere. Se dito por outra via, a linguagem estaria longe da “arte narrativa”,<sup>39</sup> as histórias evitam a interpretação e a interpelação. O sentido de uma complexidade humana que se insurge nesta realidade possui linguagem própria que se solidifica em uma hiper-realidade.<sup>40</sup>

Em tempo nenhum um dito pode ser repetido no presente, já está no passado. Em seu movimento de vertigem a conversa não se repetirá. O que chega já está, é uma temporalidade do que se vivencia: “o narrador mantém sua fidelidade a essa época, e seu olhar não se desvia do relógio diante do qual desfila a procissão das criaturas, na qual a morte tem seu lugar ou à frente do cortejo, ou como retardatária miserável.”<sup>41</sup>

Refere Benjamin que “ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra as peças do patrimônio humano, tivemos de empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. A crise está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima da guerra”.<sup>42</sup>

*Pois a narração, em seus aspectos sensíveis, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito (...).*<sup>43</sup>

<sup>36</sup> Neste sentido, SOUZA, Ricardo Timm de. **Em Torno à Diferença**, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008, p. 25 e seguintes.

<sup>37</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 219.

<sup>38</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. **Levinas e a ancestralidade do Mal**: Por uma crítica da violência biopolítica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012 p. 26.

<sup>39</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª. Ed. revista. (obras escolhidas v. I) São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 219.

<sup>40</sup> Neste sentido, SOUZA, Ricardo Timm de. “O nervo exposto – por uma crítica da ideia de razão desde a racionalidade ética” in: GAUER, R. M. C. (Org) *Criminologia e sistemas jurídicos-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: 2012, p. 27 – 43, em especial 42.

<sup>41</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 210.

<sup>42</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 119.

<sup>43</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 220-221.

Sem maneira o fluxo aqui percorrido busca alertar para uma responsabilidade do dito ao longo da pesquisa. Linguagem – que chega antes – construída nas condições *marginalizadas* entremuros dos presídios brasileiros. Definitivamente, o toque de uma experiência não pode ser escrito em palavras, apenas narrado e quem sabe experienciado por quem lê em companhia de quem narrar uma vez àquilo que a palavra não alcança: o real.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodoro. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. Editora 34, Coleção Espírito Crítico: São Paulo, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução de Severino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ATHAYDE, Celso; MV Bill; SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KAFKA, Franz. *O Veredito / Na Colônia Penal*. Tradução de Modesto Corone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAITANO, Grégori Elias. *Por uma criminologia do encontro: um ensaio*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. 4a. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Em Torno à Diferença, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008.

\_\_\_\_\_. *Levinas e a ancestralidade do Mal: Por uma crítica da violência biopolítica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

\_\_\_\_\_. *Metamorfose e extinção – sobre Kafka e a patologia do tempo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

\_\_\_\_\_. *Razões Plurais Itinerário da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. “O nervo exposto – por uma crítica da ideia de razão desde a racionalidade ética” in: GAUER, R. M. C. (Org) *Criminologia e sistemas jurídicos-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: 2012.